

1933-1941 – DAS OPÇÕES DOS COMUNISTAS FRANCESES ENTRE A GUERRA E A PAZ

O fascismo nasce da democracia burguesa. Entre a cólera e a peste não há escolha possível. Sozinho contra todos os partidos, classe contra classe, o nosso Partido Comunista prosseguirá a sua marcha à cabeça dos trabalhadores.
Maurice Thorez, 1936.

O Partido Comunista Francês (PCF) foi fundado em 1920. O cenário político europeu desse tempo apresentava, simultaneamente, a memória recente do final da Grande Guerra de 1914-18 e da Revolução Bolchevista na Rússia, iniciada em 1917. Nas preocupações do PCF, naturalmente inspirado pelas ideias revolucionárias que haviam triunfado na Rússia, encontrava-se a luta contra a sociedade capitalista e uma aposta forte na oposição a qualquer política externa que pudesse reconduzir a França a uma nova guerra. Esta vertente do seu programa de acção colocava o partido numa atitude de hostilidade para com as forças armadas e o seu corpo de oficiais, preparando-se para fazer valer a ideia da paz, incluindo nesse objectivo acções de resistência no interior das próprias fileiras.

A ascensão de Hitler ao poder, em 1933, poderia ser um momento de inflexão dessa política. Todavia, no órgão de imprensa do PCF, *L'Humanité*, de 08-12-1933, mantém-se a prioridade da paz:

É preciso que a resistência se afirme em todo o país contra o aumento do tempo de serviço [militar] e pela supressão dos períodos e das manobras de guerra.¹

Para os comunistas franceses, havia começado um complexo período de adaptação às percepções de natureza política que vinham da Alemanha, as quais tinham de se alinhar pelas instruções de Moscovo, também elas não isentas de ambiguidades. Em 26 de Setembro de 1934, Maurice Thorez, líder do PCF, ainda manifesta uma irreduzível determinação em não envolver o partido nas acções de defesa determinadas por um governo burguês:

Uma vez que nós subordinamos tudo à necessidade de preparar os proletários para a conquista do poder, à ditadura do proletariado, a nossa atitude em tempo de guerra torna-nos adversários determinados e ferozes da Defesa Nacional.²

Meses volvidos, em 15 de Março de 1935, falando perante a Câmara dos Deputados, Thorez, quando confrontado por um deputado que garantia que os trabalhadores franceses se mobilizariam para resistir a uma agressão hitleriana, contrariou essa ideia nos seguintes termos:

Aqui, quero responder à afirmação feita nesta tribuna: os trabalhadores de França levantar-se-ão para resistir a uma agressão hitleriana. Nós, nós não permitimos que a classe operária seja arrastada para uma guerra de defesa da democracia contra o fascismo. [vozes: *muito bem! muito bem!* na bancada comunista]. Proclamo claramente que os comunistas não deixarão propagar uma semelhante mentira, uma tal ilusão. [vozes: *muito bem! muito bem!* na bancada comunista].³

Entretanto, numa tentativa de reeditar a aliança franco-russa de 1892, os dois antigos aliados decidem precaver-se contra o crescimento de uma nova ameaça alemã, através de um tratado de

¹ Citado por LEFEUVRE, René, *La politique communiste – Ligne et tournants*, p. 8.

² *Idem*, p. 8.

³ *Idem*, p.10.

aliança assinado, em 2 de Maio de 1935, em Moscovo, com a presença do primeiro-ministro francês Pierre Laval. Em 8 de Maio, o governo da URSS passava para a imprensa a seguinte declaração:

O senhor Estaline compreende e aprova plenamente a política de Defesa Nacional gizada pela França para manter as suas forças armadas ao nível da sua segurança.⁴

Tratava-se de uma declaração política que deixava a direcção do PCF numa posição aparentemente embaraçosa. Havia que reconsiderar e manifestar rapidamente a consonância com as posições do governo soviético. Coincidência ou não, em 26 de Julho de 1935, os principais dirigentes do PCF – Thorez, Cachin, Gitton, Semard, Monmousseau, Marty e Duclos – enviam a Estaline uma carta, na qual fazem uma firme manifestação de fidelidade:

Sempre iremos seguir as ordens do chefe genial das massas proletárias. No momento decisivo das revoluções, estamos seguros da vitória, uma vez que temos por trás de nós a Internacional Comunista que é o partido mundial de todos os comunistas, ao qual nós juramos obediência absoluta.⁵

Ao iniciar-se o ano de 1936, a esquerda francesa faz um esforço de união, visando evitar o triunfo da extrema-direita, como sucedera na Alemanha e na Itália. Das eleições de Maio de 1936 resultará o governo da Frente Popular, constituído por Radicais e Socialistas e liderado por Léon Blum. Embora não fizesse parte da coligação governamental, o PCF iria, a partir de então, votar favoravelmente as despesas militares da República Francesa. No ano seguinte, em 7 de Setembro de 1938, o *L'Humanité* dava uma imagem bastante sugestiva de uma nova posição do partido face à crescente ameaça germânica:

A França da Frente Popular não confunde a Alemanha de Beethoven, de Goethe, de Kant e de Schiller, que admira e ama, com a Alemanha dos campos de concentração hitlerianos. Povo alemão, que queres a paz e o engrandecimento do teu país através do trabalho e não pela guerra, deves saber que, se Hitler desencadear a guerra, encontrará diante de si forças materiais e morais de que não suspeita a amplitude.⁶

No Relatório do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, apresentado ao seu 18.º Congresso, em 10-03-1939, a tensa situação política na Europa e no Extremo-Oriente foi largamente abordada por Estaline. A dado passo da sua intervenção, especificamente sobre a hipótese de uma confrontação entre a Alemanha e a URSS, referiria o seguinte:

Os russos não devem deixar-se implicar, sem razão, nos conflitos dos “promotores de guerras”, que procuram sempre forçar os outros a arriscarem-se em seu proveito.⁷

A URSS mantinha-se, por conseguinte, numa atitude de não-hostilização da Alemanha e dissociava-se claramente de quaisquer manobras dos países ocidentais que pretendessem usá-la contra a Alemanha. Sobre o período de 1939 que antecede a assinatura do Pacto germano-soviético, sugiro a leitura dos textos de Winston Churchill sobre as tentativas de entendimento da Grã-Bretanha e da França com a URSS. Em Março de 1939, as palavras de Estaline destinavam-se a vir a público e não reflectiam a secreta intenção, que então tinham, de um entendimento com os Aliados. Podem ler os textos, neste blogue, clicando em:

⁴ *Idem*, p. 12.

⁵ *Idem*, p. 3.

⁶ *Idem*, p. 13.

⁷ GRIMBERG, Carl, *História Universal*, Vol. 20, p. 44.

https://8687137f62.clvaw-cdnwnd.com/e3943478f9ee52879e612e51381cccab/200000906-cd2e9cd2eb/Enigma_Soviético.pdf

https://8687137f62.clvaw-cdnwnd.com/e3943478f9ee52879e612e51381cccab/200000928-9967f99681/Aprox%20nazi_urss.pdf

Sem qualquer aviso prévio, Hitler e Estaline acabariam por chegar a um entendimento – o Pacto germano-soviético, de 23 de Agosto de 1939 –, que iria proporcionar quase dois anos de colaboração e relações pacíficas entre os dois países. Uma vez mais, o PCF – assim como a generalidade dos partidos comunistas ocidentais – via-se na necessidade de corrigir a sua mensagem para o exterior. Apressadamente, logo no dia seguinte, o poeta Louis Aragon, membro do PCF, procura defender que a URSS pugna pela paz e escreve no jornal *Ce Soir*:

Repito, a guerra recuou ontem e já esta manhã há estações de rádio que o constata, o balão de ensaio anti-soviético que, pretendendo que em consequência do pacto Berlim-Moscovo, um ultimato de 24 horas fora enviado à Polónia, a propósito de Dantzig, era uma falsidade, para explorar o estado de espírito criado em Paris por uma imprensa em delírio. As 24 horas passaram e Hitler não tomou Dantzig. Faremos bem em não acreditar em notícias falsas.⁸

Mesmo assim, o PCF não teve argumentos para, em 1 de Setembro, primeiro dia da invasão da Polónia, deixar de aprovar os créditos de guerra. Mas o novo reajustamento não tardaria. Em 28 de Setembro de 1939, a poucos dias de se concluir a campanha de conquista da Polónia, era tornado público o acordo germano-soviético sobre o desmembramento do Estado polaco:

O governo do Reich e o governo da União Soviética, tendo decidido definitivamente, após negociações assinadas hoje, as questões decorrentes da dissolução do Estado polaco, e, tendo também criado uma base para uma paz duradoura na Europa Oriental, exprimem, conjuntamente, a opinião, que corresponderia aos verdadeiros interesses de todas as nações, de pôr fim ao estado de guerra que existe entre a Alemanha, de uma parte, e a França e a Inglaterra, de outra. Os dois governos levarão a cabo esforços comuns, se assim acontecer, de acordo com outras potências amigas, para chegar o mais rapidamente possível a esse objectivo. Se, não obstante, os esforços dos dois governos não forem bem-sucedidos, constatar-se-á, então, que a Inglaterra e a França são responsáveis pelo prosseguimento da guerra. No caso deste prosseguimento, os governos do Reich e da União Soviética consultar-se-ão reciprocamente acerca das medidas necessárias. (assinado: Von Ribbentrop-Molotov)⁹

A hostilidade do PCF à decisão do governo francês de declarar guerra à Alemanha levaria à proibição de publicação do *L'Humanité*, o qual, todavia, continuará a editar-se clandestinamente. Pouco tempo depois, em 04-10-1939, na edição de Bruxelas do *Le Monde*, surge a transcrição da carta de André Marti, destacado dirigente do PCF, para Léon Blum, na qual verbera a atitude do governo de Paris perante o desencadeamento da guerra:

A favor da guerra, o governo ao qual o senhor concede total apoio liquidou as leis sociais e os últimos restos de liberdades democráticas; este governo inflige ao povo de França a repressão mais dura que ele conheceu depois da que se seguiu à Comuna. Põe em prática métodos que cada vez menos diferem dos de Hitler.¹⁰

Em Outubro de 1939, os deputados do PCF desenvolvem uma intensa actividade parlamentar apontada à paz, sugerindo a aceitação das propostas que, nesse sentido, estariam para ser feitas

⁸ Citado por LEFEUVRE, René, *La politique communiste – Ligne et tournants*, p. 15.

⁹ *Idem*, pp. 16-17.

¹⁰ *Idem*, p. 17.

por Adolf Hitler. Em carta datada de 01-10-1939, endereçada ao presidente da Câmara de Deputados, Édouard Herriot, clamava-se:

Será possível que propostas de paz possam ser rejeitadas antes de serem conhecidas e sem que a representação nacional e soberana tenha sido consultada? [...] Todos os franceses desejam a paz, porque sentem que uma guerra de longa duração seria terrível para o nosso país e comprometeria, ao mesmo tempo, o seu futuro e as liberdades democráticas.¹¹

Entretanto, Maurice Thorez, então com 39 anos, tendo sido mobilizado para o Exército, recusa servir nas fileiras e passa à clandestinidade. Envia, então, uma declaração ao jornal comunista inglês *Daily Worker*, que será reproduzida na edição clandestina do *L'Humanité*, de 27-11-1939. Nesse texto, o líder do PCF justifica a sua deserção com o desejo de combater contra a guerra:

As forças da reacção, em França, exprimem o mesmo furor perante a denúncia que fizemos dos objectivos imperialistas da guerra imposta ao povo francês. Morreram homens e preparamo-nos para ver morrer muitos mais, para defesa dos cofres dos capitalistas. Os comunistas lutam com todas as suas forças contra a guerra imperialista... [...] Nós agimos como verdadeiros defensores do povo francês ao não querermos que os nossos jovens sejam vítimas do massacre causado pelos capitalistas ingleses, na guerra de interesses que conduzem contra os capitalistas alemães.¹²

Contemporaneamente, o comissário dos Negócios Estrangeiros da URSS, Molotov, dirigia-se ao Soviete Supremo nos seguintes termos:

É criminoso fazer a guerra ao hitlerismo, uma guerra deste género não tem justificação possível. A ideologia do hitlerismo, como qualquer outro sistema ideológico, pode ser aceite ou rejeitado, é uma questão de opinião política. Mas qualquer pessoa compreenderá que não é através da guerra que se lhe põe fim. É essa a razão pela qual é insensato, mesmo criminoso, travar semelhante guerra para aniquilar o hitlerismo, cobrindo-a com falsas bandeiras de luta pela democracia.¹³

Esta ideia de que a luta contra a Alemanha nada tinha qualquer relação com a luta pela democracia não tarda a reflectir-se em França. Num panfleto distribuído na região parisiense, em Fevereiro de 1940, os comunistas afirmam-no explicitamente:

O governo, apoiado pela reacção e pelos chefes socialistas, pretende que faz a guerra da liberdade contra o fascismo. Nada de mais falso. Como em 1914, são os interesses dos capitalistas que estão em jogo e são os operários e os camponeses que são enviados para o massacre, para defender os interesses que não são os seus.¹⁴

Esta fase de contestação da guerra sofre uma significativa inflexão após o armistício de Junho de 1940, pelo qual a França deixava de estar em guerra com a Alemanha, embora submetida a ocupação militar em parte do seu território. Para os comunistas franceses, o novo cenário político seria apresentado em termos de pacífica e amistosa colaboração com o ocupante. No *L'Humanité* clandestino, de 14 de Julho de 1940, podia ler-se:

Trabalhadores franceses e soldados alemães – É particularmente reconfortante, nestes tempos de infelicidade, ver numerosos trabalhadores parisienses em amistosso convívio com os soldados alemães, tanto na rua como no café da esquina. Bravo! Camaradas continuem, ainda que isso desagrade a certos burgueses tão estúpidos quanto malévolos.¹⁵

¹¹ *Idem*, pp. 20-21.

¹² *Idem*, p. 18.

¹³ *Idem*, p. 18.

¹⁴ *Idem*, pp. 21-22.

¹⁵ *Idem*, p. 24.

Em Outubro de 1940, através do opúsculo *Nous accusons*, o enquadramento ideológico do PCF no tocante às suas relações com a Alemanha são fundamentadas do seguinte modo:

Os dirigentes do Reich, tendo afirmado ao povo alemão que a guerra lhes havia sido imposta pelos governos de Londres e de Paris, acrescentaram que o Exército Alemão não tinha outro inimigo a não ser a plutocracia ocidental. Disseram, ainda, que a Alemanha se felicitava pelo facto de manter, desde 23 de Agosto de 1939, relações de boa vizinhança com a URSS.¹⁶

O cenário desenhado pela liderança do PCF acarretou alguns custos significativos, “tendo perdido a reputação e muitos membros”¹⁷. Sem surpresa, a atitude condescendente do PCF após o armistício levou directamente à oposição ao movimento de resistência organizado pelo general Charles de Gaulle. No *L’Humanité* de 1 de Julho de 1940, podia ler-se:

O general de Gaulle e outros agentes da finança inglesa bem gostariam de pôr os franceses a combater pela *City*. Os franceses respondem a esses cavalheiros com a *palavra de Cambronne*.¹⁸

Para que não houvesse dúvidas quanto à determinação do PCF em se opor ao general de Gaulle, na edição de *L’Humanité* de 18-03-1941, a apenas três meses da invasão alemã da URSS, é publicada uma declaração, assinada por dois dos mais destacados dirigentes do partido – Thorez e Duclos –, na qual se realça o seguinte:

O movimento dos de Gaulle e dos Larminat, essencialmente reaccionário e antidemocrático, não visa outra coisa senão privar o nosso país de toda a liberdade, no caso de uma vitória inglesa.¹⁹

Mas era tempo de fazer uma menção aos Estados Unidos, os quais, sendo ainda neutrais, eram pressentidos como próximos intervenientes na guerra. Disso se encarregou Jacques Duclos, também em Março de 1941, através de um texto inserido na *Brochure n.º 3 – L’Impérialisme américain et la guerre mondiale*:

Expliquemo-nos: a potência que, do outro lado do Atlântico, se cobre com uma carapaça de aço e que vai mobilizar para guerra o trabalho dos seus concidadãos, cujos aviões vão rasgar o céu da Europa, o que é realmente? O que é que representa? Representa os trusts onnipresentes, o poder do capitalismo mais evoluído. É a direcção de algumas famílias oligárquicas que descem à arena da guerra.²⁰

Quando, em 22 de Junho de 1941, a Alemanha nazi inicia a invasão da URSS, os comunistas vêem-se na necessidade de mudar de trincheira. Países e personalidades que haviam violentamente destrutado na sua propaganda passam a aliados, dos quais a União Soviética irá receber armas e munições para combater a ofensiva hitleriana. Nazismo e fascismo não seriam outra coisa, nas décadas seguintes, senão o inimigo a combater com todas as forças. Mas seria estultícia supor que no interior do movimento comunista internacional se não sentiu o desconforto de tantas mudanças de trincheira, desconforto esse que iria ter várias réplicas já depois de 1945, sempre com custos de dissidências e abandono do movimento.

David Martelo – 26 de Setembro de 2022

¹⁶ *Idem*, pp. 25-26.

¹⁷ BEEVOR, Antony, *A Segunda Guerra Mundial*, p. 560.

¹⁸ Citado por LEFEUVRE, René, *La politique communiste – Ligne et tournants*, p. 29.

¹⁹ *Idem*, p. 30.

²⁰ *Idem*, p. 30.